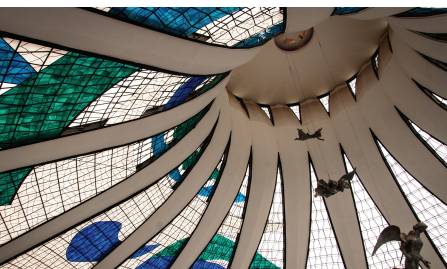


Antônio Martins da Rocha Júnior

# Domínio da forma: permanências e mutações nas composições arquitetônicas



# Domínio da forma:

permanências e mutações nas composições  
arquitetônicas



Coleção Saberes em Tese, 17

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

*Reitor:* Benedito Guimarães Aguiar Neto

*Vice-reitor:* Marco Tulio de Castro Vasconcelos

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

*Pró-reitora:* Helena Bonito Pereira

EDITORA MACKENZIE

*Conselho Editorial*

Helena Bonito Pereira (Presidente)

José Francisco Siqueira Neto

Leila Figueiredo de Miranda

Luciano Silva

Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira

Maria Lucia Marcondes Carvalho Vasconcelos

Moises Ari Zilber

Valter Luís Caldana Júnior

Wilson do Amaral Filho

COLEÇÃO SABERES EM TESE

*Diretor:* Benedito Guimarães Aguiar Neto

Antônio Martins da Rocha Júnior

**Domínio da forma:**  
permanências e mutações nas composições  
arquitetônicas

© 2017 Antônio Martins da Rocha Júnior

Todos os direitos reservados à Editora Mackenzie.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Mackenzie.

Coordenação editorial: Jéssica Dametta Cruz

Capa e projeto gráfico: Alberto Mateus

Preparação de texto: Jéssica Dametta Cruz

Diagramação: Linotec

Revisão: Vera Ayres

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Rocha Júnior, Antônio Martins da

Domínio da forma : permanências e mutações nas composições arquitetônicas / Antônio Martins da Rocha Júnior. -- 1. ed. -- São Paulo : Editora Mackenzie, 2017. -- (Coleção saberes em tese; v. 17)

Bibliografia.

ISBN: 978-85-8293-692-4

1. Arquitetura 2. Arquitetura substancial 3. Espaço (Arquitetura) 4. Modernidade 5. Projeto arquitetônico I. Título. II. Série.  
17-08306 CDD-720

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Arquitetura contemporânea 720

**EDITORA MACKENZIE**  
Rua da Consolação, 930  
Edifício João Calvino, 7º andar  
São Paulo – SP – CEP 01302-907  
Tel.: (5511) 2114-8774  
editora@mackenzie.br  
www.mackenzie.br/editora.html

Editora afiliada:

  
Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

  
**Câmara Brasileira do Livro**

*À Lina, ao Davi, ao Rafael  
Aos irmãos, que discordam, mas sempre se dão  
A meus pais, Antônio e Irene, que superestimam e acham mais*

# Sumário

<b>SOBRE O AUTOR . . . . .</b>	<b>9</b>
<b>APRESENTAÇÃO</b>	
<i>Rafael Cunha Perrone . . . . .</i>	<b>11</b>
<b>INTRODUÇÃO . . . . .</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
Natureza do espaço e expressão arquitetural. . . . .	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO 2</b>	
Geometria e concepção do espaço . . . . .	<b>49</b>
<b>CAPÍTULO 3</b>	
Composições arquitetônicas: permanências e mutações . . .	<b>103</b>
<b>CAPÍTULO 4</b>	
Estudos de caso: do receptáculo monolítico à instabilidade formal . . . . .	<b>143</b>
<b>CONCLUSÕES – OLHANDO O PRESENTE, DE SOSLAIO .</b>	<b>201</b>
<b>REFERÊNCIAS . . . . .</b>	<b>217</b>
<b>ÍNDICE . . . . .</b>	<b>223</b>

## Sobre o autor

**Antônio Martins da Rocha Júnior** é graduado e especialista em Arquitetura e Urbanismo, mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Foi presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento do Ceará (IAB-CE) e conselheiro federal suplente, pelo Ceará, do Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU-BR). Atualmente, é professor do curso de Arquitetura e Urbanismo e do mestrado em Ciências da Cidade da Universidade de Fortaleza (Unifor). É estudioso da Geometria, da forma e de seus rebatimentos na arquitetura e na cidade, e autor do livro *Divina proporção: aspectos filosóficos, geométricos e sagrados da seção áurea* (2011).



# Apresentação

*Será que eu posso definir a arquitetura, como Vitruvius, como a arte de construir? Não, a definição de Vitruvius contém um erro flagrante.*

*Para executar, você deve primeiro conceber. Nossos antepassados mais antigos não construíram suas cabanas antes que eles as tivessem concebido anteriormente por meio de suas imagens. Essa produção da mente, essa criação, é que constitui a arquitetura*

(Étienne-Louis Boullée)

**Não hesitaríamos em** recomendar este livro para todos cujo interesse resida em projetar e ensinar arquitetura, inclusive àqueles que gostem de interpretá-la ou vivenciá-la.

Sabe-se que todo projeto visa à transformação de um lugar para constituir um ambiente habitável, uma natureza humanizada que corresponderá ao mundo em que se pretende viver.

Nas inquietações para o estabelecimento desse porvir e de suas expressões materiais interpretativas, lida-se com inúmeras, ou melhor, com infinitas questões envoltas aos processos sociais, tecnológicos e culturais nos quais estamos presentes com a finalidade de nos instalarmos como seres no nosso tempo, com os desejos de melhorias em relação ao mundo no qual esperamos viver.

Ao desenhar um ambiente, movemo-nos entre saberes e experiências constituídas, barreiras a ultrapassar, entre dizeres já conhecidos e expressões de novas proposições.

O projeto de arquitetura, como disciplina e atividade, envolve a construção de artefatos que correspondam às necessidades e demandas de várias ordens, sejam elas sociais, culturais, econômicas e artísticas. O projeto rege-se por meio de intenções que interpretem como estamos, como somos e manifestem como pretendemos ser.

Entende-se que a complexidade dos significados de sermos no mundo referencia-se de forma direta pelas características dos espaços e ambientes construídos por meio da história social dos homens, ou seja, a complexidade de expressões e significados que habita todos os abrigos e dispositivos gerados para a nossa existência está contida em todos os projetos que para existência de tais artefatos foram elaborados.

Evidencia-se que em todos eles, desde as mais toscas formas até as mais elaboradas, está registrada uma cosmovisão, fazendo de cada projeto uma tentativa de desenhá-la como uma espécie de cosmografia.

Este livro, por meio do estudo das permanências e das mutações na constituição da arquitetura, entre o final do século XX e o início do atual, intenta estabelecer compreensões sobre os procedimentos e processos de dar forma aos ambientes contemporâneos, ou seja, como essa cosmografia está se manifestando.

O estudo se realiza a partir do estabelecimento de algumas dualidades interpretativas da formulação da arquitetura como: estático *versus* dinâmico, homogêneo *versus* heterogêneo, substancial *versus* acidental verificadas no pensamento arquitetônico acerca das formas de pensar o projeto que caracterizam o debate sobre a arquitetura no período estudado.

Com a experiência de quem já tratou das capacitações da geometria como instrumento para a concepção da forma da

arquitetura em seu livro *Divina proporção: aspectos filosóficos, geométricos e sagrados da proporção áurea*, Rocha Júnior reflexiona sobre a concepção da composição arquitetônica e os modos como ela opera, desde os conceitos historicamente enraizados até aqueles propostos como princípios arquitetônicos derivados dos novos modos de vida, novos materiais e novas tecnologias digitais.

A ampla reflexão realizada envolve a incursão por meio de três estudos de casos pelos quais as continuidades e antinomias são reveladas:

1. Aeroporto Santo Dumont – 1944 – Projeto de Maurício e Milton Roberto.
2. Centro George Pompidou – 1977 – Projeto de Richard Rogers e Renzo Piano.
3. Museu Guggenheim de Bilbao – 1997 – Projeto de Frank Gehry.

A abordagem lúcida desses objetos explicita as estruturas das composições contidas nas bases geométricas e disposições de espaços. São investigadas também as bases de usos e disposição de elementos e recursos gráficos utilizados como instrumentos projetuais.

Nessa apresentação, não se pretende expor as conclusões do livro acerca das mutações e permanências que se manifestam nos projetos contemporâneos, mas devemos nos referir às qualificadas referências e explicações pertinentes aos modos operativos com os quais lidamos nos tempos que vivemos.

Entendida como Boullée definiu, a arquitetura se configura por sua concepção. Esta não pode ser mais compreendida como a aplicação de um conjunto de elementos, suas relações e sua composição num determinado edifício, como nos ensinou Durand. Será que também sempre derivou dos momentos em que foi idealizada ou dos locais nos quais foi erigida?

O texto envolve o leitor nessa aventura interpretativa e registra um panorama suficiente para que verifiquemos como as cosmografias expressas nos projetos contemporâneos se referenciam nas diversas *zeitgeist(s)* que vivemos e nos permitem perguntar, a partir de Mies van der Rohe, se a arquitetura é a vontade da época que se manifesta no espaço, viva, cambiante e nova. Quais seriam as vontades de nosso tempo?

RAFAEL CUNHA PERRONE  
em março de 2017

**DOMÍNIO DA FORMA: PERMANÊNCIAS E MUTAÇÕES NAS COMPOSIÇÕES** arquitetônicas expõe a inquietação em compreender a natureza do espaço arquitetônico produzido em meio à sociedade informacional em que hoje se vive. Para isso, parte-se da hipótese de que o espaço estático, homogêneo, substancial – oriundo da tradição clássica e prevalecente no curso da História – havia entrado em crise e cedido lugar ao espaço dinâmico, heterogêneo, acidental, resultante, ao que se imagina, da inovação tecnológica, sobretudo, a digital.

Observa-se que a confrontação do espaço estático com o dinâmico não é um produto típico da sociedade informacional, mas sim a configuração de algo arcaico, percebido desde muito tempo. A obra trata, portanto, da passagem do tempo e observa as mutações formais no âmbito do ver, fazer e ensinar arquitetônicos e as misteriosas permanências das coisas em um mundo dito dinâmico e em transformação. O objetivo é levar o leitor, em seu diálogo com o passado e o presente, a corroborar ou antecipar modos de apreensão e concepção do espaço arquitetural.

